

COTIDIANO NA VOZ DO ESTUDANTE- AUTOR DA REGIÃO NORTE: ESTUDO SOBRE CRÔNICAS

Flávia Brocchetto Ramos¹
Viviane Cristina Maruju²
Sônia Regina da Luz Matos³
Gabriel Albuquerque⁴

Resumo: A prática de escrita com o gênero crônica em produções dos estudante-autores da região norte do Brasil, finalistas da 5ª Olimpíada de Língua Portuguesa, é o foco deste texto. Para executarmos a análise dos dados, optou-se pela metodologia qualitativa de cunho indutivo, denominada de Análise Textual Discursiva. Ela é composta de quatro etapas e, neste texto, consta o resultado da categoria final denominada como: o *instante*, momento singular de encontro com o cotidiano. Na ressignificação construída pelos estudantes-autores, são configuradas cenas singulares que lhes pedem atenção e que possibilitaram estabelecer novas significações acerca do lugar onde vivem, bem como de si mesmos.

Palavras-chave: Crônica. Memória. Imaginação. Olimpíada de Língua Portuguesa

DAILY LIFE IN THE VOICE OF THE STUDENT-AUTHOR OF THE NORTHERN REGION: STUDY ON CHRONICLES

Abstract: The writing practice with the chronic genre in student-author productions of the northern region of Brazil, finalists of the 5th Portuguese Language Olympics is the focus of this text. In order to perform the data analysis, we chose the qualitative methodology of inductive character, called Discursive Textual Analysis. It is composed of four stages and in this text is the result of the final category called as: instant, singular moment of encounter with daily life. In there-signification constructed by the student-authors, singular scenes are configured that call attention to it and that have made possible to establish new significations about the place where they live as well as of themselves.

Keywords: Chronic. Memory. Imagination. Portuguese Language Olympics

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se

¹ Universidade de Caxias do Sul (ramos.fl@gmail.com)

² Universidade de Caxias do Sul (vicmaruju@yahoo.com.br)

³ Universidade de Caxias do Sul (srlmatos@ucs.br)

⁴ Universidade Federal do Amazonas (gasalbuq@gmail.com)

acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão. (COLASANTI, 2009)

INTRODUÇÃO

As práticas leitura e escrita são fundamentais para a formação de estudantes na Educação Básica, podendo se efetivar a partir de uma variada gama de gêneros textuais, de modo que a escrita, no âmbito escolar, assume o desafio de formação desses jovens por meio do ler e do escrever. O desenvolvimento de práticas de escrita da crônica está implicado com a desnaturalização do olhar costumeiro e acostumado, que olha, mas não significa o que está diante de seus olhos. Essa desnaturalização do olhar, por sua vez, cria condições e possibilidades para que haja a (re)significação do cotidiano; tendo em vista que permite ao estudante-autor ler e escrever acerca das singularidades do seu cotidiano. Singularidades disparadas pela observação atenta de momentos ínfimos, isto é, instantes que transformam tanto o visto como o observador.

Nesse sentido, o programa *Escrevendo o futuro*, por meio do concurso de textos da Olimpíada de *Língua Portuguesa*, vem contribuir para a melhoria da leitura e da escrita em escolas públicas de todo o País ao oportunizar a formação presencial e a distância de educadores, além de premiar as melhores produções de estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Na 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, os estudantes-autores do 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio - desenvolveram práticas de escrita com o gênero crônica. Esse modo de escrita favorece a expressão da subjetividade que promove a articulação entre o cotidiano (o lugar onde vivo) e a imaginação (a subjetividade).

O presente artigo tematiza a prática de escrita da crônica como gênero que favorece o estabelecimento de relações entre a realidade e a imaginação no que tange às vivências cotidianas; assumindo que essa prática se constitui também como expressão de uma subjetividade que tem muito a dizer. O estudo objetiva compreender as potencialidades da atividade criadora (VIGOTSKY, 2009) nas práticas de escrita com o gênero crônica em produções dos estudante-autores finalistas da 5ª Olimpíada de Língua Portuguesa, a fim de discutir as (re)

significações acerca do cotidiano da região norte do Brasil. Para tanto, perguntamo-nos: quais as (re) significações construídas pelos estudantes-autores das quatro crônicas finalistas da região norte do Brasil?

A escolha por analisar crônicas provenientes da norte do Brasil se reveste da inquietação e da curiosidade em compreender as (re)significações que esses estudantes-autores constituíram acerca do seu cotidiano. Constatamos, ainda, que a região norte teve o menor número de crônicas selecionadas, motivo da inquietação e do desejo de constituirmos um estudo acerca dessas produções.


O presente artigo introduz, primeiramente, a discussão acerca dos conceitos de *memória* e de *imaginação* (VIGOTSKY, 2009) e das relações estabelecidas com a prática de escrita do gênero crônica. Em seguida, apresentamos o concurso de textos “A Olimpíada de Língua Portuguesa”, atividade promovida pelo programa *Escrevendo o Futuro*, iniciativa da Fundação Itaú Cultural. Por fim, as crônicas são analisadas por meio de procedimentos da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIZZI, 2007).

A CRÔNICA: MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO EM MEIO AO COTIDIANO

A crônica é um gênero textual (MARCUSCHI, 2008) que permite a quem escreve incorporar ao texto suas apreciações acerca do cotidiano. Possibilita, desse modo, a valorização da subjetividade daquele que escreve, a fim de imprimir, por meio de um olhar singular, novas significações diante do vivido. Para tanto, a capacidade de observação desse cotidiano, seus espaços, personagens e tempos é um exercício constante para quem busca tomar o cotidiano como matéria para a escrita de crônicas, ou seja, é preciso estar atento às cenas por meio das quais todo o entorno (nesse caso entendido por cotidiano) passa a ser tensionado.

Logo, a prática de escrita da crônica demanda tempo para instauração desse olhar singular, que tensiona a visão costumeira e acostumada do cotidiano dos estudantes-autores do norte brasileiro. Trata-se, portanto, de instaurar duas ações de pensamento implicadas com ato de observar e de escrever, ou melhor, de (re)escrever o cotidiano a partir das (re)significações que o olhar singular imprime ao vivido.

Esse olhar, entretanto, é disparado por um instante mínimo no qual o estudante-autor se vê assomado por um gesto, um traço, um aceno, um



agradecimento, ou seja, por um instante que transmuta o seu olhar; impedindo-o de seguir olhando e vivendo como antes. Além disso, o instante dispara a inquietação necessária e indispensável àquele que se sentiu tomado pela necessidade de traduzir em escrita um vivido do cotidiano.

Para Arrigucci (1987), o gênero crônica “contempla [...] um relato em permanente relação com o tempo, de onde se tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido.” (p. 51). Dito de outra forma, a partir da observação do cotidiano, o estudante-autor instaura a sua subjetividade acerca do cotidiano, a fim de dar visibilidade a gestos mínimos e suas sutilezas que, como bem sabemos, são tão abundantes quanto invisíveis em um cotidiano tomado pelos automatismos diversos que podem nos fazer esquecer que a vida é mais do que a sucessão de fatos e momentos.

Embora a crônica seja um gênero que se desenvolva por meio de relatos do cotidiano, enquanto prática de escrita ela está implicada em estabelecer uma reflexão a partir desse relato. Faz-se necessária uma significação subjetiva com vistas a empreender crítica social, reflexão filosófica, ou ainda, por em tela perspectiva irônica, cômica; instaurando, sobretudo, olhar sensível acerca do que foi relatado a partir da observação do cotidiano.

Portanto, o simples relato do cotidiano não se constitui garantia de uma prática satisfatória de escrita desse gênero, na medida em que a crônica demanda olhar singular, cujo posicionamento subjetivo, daquele que escreve, confere ao cotidiano uma significação que transborda o observado e o relatado.

Tal posicionamento conjuga a objetividade de relatos de cena do cotidiano às significações subjetivas dessa realidade, ou seja, possibilita em um só tempo o engendramento de cenas do cotidiano com a singularidade do olhar daquele que busca apresentar perspectiva singular acerca daquilo que é visto de modo naturalizado. Desse modo, ao tomar o cotidiano como matéria de escrita, a crônica permite que, com o arejamento do real, sejam atribuídas novas significações e com isso constituam-se outras possibilidades de significar o cotidiano particular.

Essa agregação entre objetividade das cenas e subjetividade das interpretações favorece o desenvolvimento de uma prática de escrita enquanto atividade criadora. Segundo Vigotsky (2009), atividade criadora é um processo cognitivo no qual reproduzimos modelos preexistentes e combinamos a eles possibilidades de transformação. Esse processo é constituído em duas

dimensões: a reconstituidora-reprodutiva e a combinatória-criadora; enquanto aquela se fundamenta na memória, esta efetiva-se pela imaginação.




A dimensão reconstituidora-reprodutiva é responsável, por exemplo, pela manutenção dos saberes já adquiridos e a conservação das experiências vividas. Podemos dizer que essa dimensão da atividade criadora estabelece relações entre o passado e o presente. Já a dimensão combinatória-criadora esboça quadros possíveis (exatamente o que os estudantes-autores fazem ao singularizarem seu cotidiano) de futuro, de modo que a imaginação e a fantasia produzem deslocamentos para o futuro, isto é, temos um deslocamento do olhar para aquilo que não se situa enquanto passado (o vivido) e nem como presente (o vivo), porque cria condições e possibilidades para a imaginação que remete ao futuro, ou seja, ao que pode vir a ser.

A atividade criadora, desse modo, estabelece também uma conjugação entre memória e imaginação, que, ao ser operacionalizada nas práticas de escrita com o gênero crônica, possibilitaria a quem escreve articular memória e imaginação, a fim de empreender interpretações singulares do cotidiano. Importante destacarmos, ainda, que a interpretação da realidade já é em si um tipo de atividade criadora, pois agregamos, ao que chamamos de realidade, a nossa percepção acerca do real. Percepção que, por sua vez, é atravessada pelas memórias e experiências do passado bem como pelas expectativas imaginadas para o futuro.

Para Vigotsky, “[...] toda a obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa.” (2009, p. 20). Nessa perspectiva, a atividade criadora não pode ser vista sob a ótica das grandes obras históricas, uma vez que o homem é, por natureza, um ser que cria, ou seja, imagina, combina e modifica a sua realidade. Logo, a possibilidade de tomar o cotidiano como matéria para escrita constitui-se, por si só, em um exercício que assume pelo ler e pelo escrever o desafio de (re)significar o presente e o futuro em uma Olimpíada de Língua Portuguesa.

OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA: A ESCRITA DO COTIDIANO EM CRÔNICAS

Em 2016, o Programa realizou a 5^a edição da Olimpíada de Língua Portuguesa com a participação de 4.876 municípios brasileiros, cerca de 40 mil



escolas e mais de 170 mil professores inscritos. Um concurso de textos dessa magnitude tem possibilidades imensas de valorizar as práticas de escrita de alunos do ensino básico, além de oportunizar a formação de professores envolvidos na orientação dos estudantes.

A Olimpíada de Língua Portuguesa é uma das atividades desenvolvidas junto ao Programa *Escrevendo o Futuro*; iniciativa da Fundação Itaú Cultural com o apoio técnico do Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) em parceria com o Ministério da Educação. O Programa realiza diversas atividades de formação presencial e a distância de professores; além do concurso de textos que premia as melhores produções de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

O concurso de textos, enquanto atividade desenvolvida pelo Programa, é constituído por várias etapas e ocorre em diversas cidades brasileiras. Assim, entre os dias 25 de outubro e 24 de novembro de 2016, 500 alunos e professores semifinalistas de todos os estados brasileiros, organizados por categoria (artigo de opinião, crônica, memórias literárias e poema), experimentaram três dias de atividades nos encontros da Etapa Regional, da 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa. A cidade de Porto Alegre recebeu 38 estudantes-cronistas do 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano Ensino Médio.

Com o objetivo de contribuir para a melhoria da leitura e da escrita de estudantes de escolas públicas brasileiras, o *Programa Escrevendo o Futuro* transformou-se em política pública em 2008, por meio da parceria com o Ministério da Educação e a realização da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. O tema escolhido desde sua primeira edição, “O lugar onde vivo”, oportuniza aos alunos estreitar vínculos com a sua comunidade.

O concurso promove, ainda, o deslocamento das práticas de leitura e de escrita do âmbito escolar para inseri-las em espaços nos quais ler e escrever estão implicados na constituição de encontros múltiplos com o outro, ou seja, com a comunidade onde o estudante-autor vive. Tal deslocamento, por sua vez, também translada a escrita do território da correção e de atribuição de nota para espaço no qual a relação estabelecida com o texto é de encontro com o outro (o leitor) e não somente a leitura avaliativa do professor.

Portanto, a Olimpíada de Língua Portuguesa instaura a possibilidade de deslocamento do próprio estudante que não escreve apenas para o professor, mas *com* o professor (afinal, os alunos receberam orientações em todo o

percurso de produção e revisão das crônicas); podendo, desse modo, constituir-se também enquanto um estudante-autor que se desafia a (re)significar não apenas o seu cotidiano, mas também as práticas de leitura e de escrita.

Assim, “O lugar onde vivo” é uma temática potencializadora do olhar singular dos estudantes, na medida em que cria condições e possibilidades. Favorece não apenas o exercício de uma habilidade de escrita e de leitura desse gênero textual, mas agrega contribuições para a formação cidadã desses estudantes.

As 38 crônicas finalistas⁵, produzidas pelos estudantes-autores, são experiências de atenção frente ao cotidiano que, costumeiramente, passava por suas vidas vestido de invisibilidade. Uma invisibilidade que, ao ser tensionada, buscou expressar singularidades onde se via apenas o costumeiro e acostumado dos espaços, das pessoas e dos tempos que atravessavam suas vidas. Ao final do concurso, são eleitas as crônicas finalistas conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Crônicas selecionadas na 5ª edição Olimpíada

38 crônicas finalistas da 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa <i>Escrevendo o Futuro</i>				
Crôni- ca	Título	Sexo	Cidade/Estado	Região
01	Era apenas um umbu	Feminino	Parelhas/RN	Nordeste
02	O mistério da lagoa	Masculino	Lagoa da Canoa/AL	Nordeste
03	Do café à notícia	Masculino	Teodoro Sampaio/ SP	Sudeste
04	Nos galhos do inharé, a esperança e a fé	Masculino	Santa Cruz/RN	Nordeste
05	O invisível à nossa vista	Feminino	Praia Grande/RN	Nordeste
06	A doce melodia do meu lugar	Feminino	Teresina /PI	Nordeste

⁵Disponível em:<<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/6138/textos-finalistas2016.pdf>> Acesso em 08 jun. 2019.

07	O prosear de um quase ser vivo	Feminino	São João Del Rey/MG	Sudeste
08	A “preta veia” do meu lugar	Feminino	Paulo Freitas/PR	Sul
09	A confusão na estrada	Feminino	Taipas do Tocantins/TO	Centro Oeste
10	Poesia invisível: uma lição real	Masculino	Parnaíba/PI	Nordeste
11	A outra face da princesa	Feminino	Geodésia/GO	Centro Oeste
12	Café com leite	Feminino	Coronel Xavier Chaves	Sudeste
13	O amanhecer (num dia “inqualquer”)	Feminino	Parintins/AM	Norte
14	Ruptura	Feminino	Santa Cruz do Sul/RS	Sul
15	Quem sou?	Feminino	Matuípe/BA	Nordeste
16	A flor que chegou primeiro	Feminino	Vianópolis/GO	Centro Oeste
17	O vaivém dos barcos	Feminino	Florianópolis/SC	Sul
18	De coração aberto	Feminino	Valença/BA	Nordeste
19	Velho casarão, porque choras?	Feminino	Abdon Batista/SC	Sul
20	Amanhã eu vou?	Feminino	Governador Lindenberg/ES	Sudeste
21	Uma questão de segundos	Feminino	Boa vista/RR	Norte
22	O palhaço e o menino	Feminino	Piracicaba/SP	Sudeste
23	Morada clandestina	Feminino	Rio Largo/AL	Nordeste
24	A cruz sedutora	Masculino	Curitiba/PR	Sul
25	Morro escalado, amor renovado	Feminino	Santa Bárbara do Leste/MG	Sudeste
26	Lágrimas de orvalho	Feminino	Carnaíba/PE	Nordeste
27	Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo	Feminino	Bom Jesus da Penha/MG	Sudeste
28	O despertar de mais um dia	Masculino	Cacoal/RO	Norte

29	O senhor abandonado	Feminino	Ubiratã/PR	Sul
30	Colorindo o Cinza	Feminino	São Paulo/SP	Sudeste
31	Cabe tudo no Paracá	Masculino	São João dos Patos/MA	Nordeste
32	E livrai-nos do mal	Feminino	Campo Novo do Paricis	Centro Oeste
33	Que barulho é esse?	Feminino	Carrapateiro/PB	Nordeste
34	Zé Carlos, soa o apito	Feminino	Rio Branco/Acre	Norte
35	O colorido no céu de Taguatinga	Feminino	Taguatinga/DF	Centro Oeste
36	Nossa Iracema, nossa Messejana!	Feminino	Fortaleza/CE	Nordeste
37	História viva	Feminino	Cuité/PB	Nordeste
38	A estação das safras	Masculino	Campestre/MG	Sudeste

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do material disponível no site.

A Região Norte, em relação às outras, teve o menor número de crônicas selecionadas: nordeste - 13 crônicas, sudeste - 10, Sul - 6 e Centro Oeste - 5. Assim, optamos por promover uma análise que visa a discutir as (re) significações, empreendidas pelos quatro estudantes-autores, acerca do cotidiano dessa região brasileira. A análise das crônicas pautou-se em princípios da Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007), a fim de compreendermos as significações dos estudantes-autores sobre o lugar onde vivem.

A partir da impregnação pela leitura e pela unitarização das crônicas, bem como pelos tensionamentos teóricos (VIGOTSKY, 2009; SANTOS, 2007; ARRIGUCCI, 1987), estabelecemos a categoria de análise *instante*, na qual um momento ínfimo consegue tocar, disparar a subjetividade do estudante-autor, desnaturalizando o próprio olhar acerca do cotidiano como um modo de dar lugar às invisibilidades e aos tensionamentos que atravessam as questões sociais, ambientais, afetivas sendo (re)significadas pela prática de escrita da crônica.

ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA: A CONSTITUIÇÃO DA CATEGORIA *INSTANTE*



Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007) foi o percurso metodológico eleito para olhar as crônicas e pensar acerca dos ditos pelos estudantes- autores. Explicitaremos, brevemente, como ocorreu este processo analítico, para o qual pautamo-nos em princípios da análise textual discursiva de cunho qualitativo, entendida como:

[...] processo integrado de análise e de síntese que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, visando descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais complexa dos fenômenos e dos discursos a partir dos quais foram produzidos (MORAES, 2005, p. 86).

A produção deste processo analítico ocorreu a partir de quatro etapas, sendo elas a unidade de sentido, as categorias iniciais, as categorias intermediárias e as categorias finais. A unidade de sentido (ou unitarização) compreende as palavras ou frases significativas retiradas do material ou *corpus* da pesquisa. Já a categorização, dada em categorias iniciais, intermediárias e finais, emerge da classificação que ocorreu a partir das unidades de sentidos.

As etapas citadas produzem um tipo de sentido interpretativo de modo a sintetizar e organizar os elementos unitários em categorias semelhantes. Ao agruparmos as categorias, construíram-se e reconstruíram-se os dados frente ao “*corpus*” de pesquisa, a saber: as quatro crônicas finalistas da região norte do Brasil. Sublinhamos que o critério de ordem regional para a constituição do *corpus* surge do desejo de aproximar-nos do cotidiano dos estudantes-autores que vivem no norte da Brasil. Uma aproximação que oportunizou o encontro com as inquietações, tensões e anseios emoldurados pelos signos amazônicos.

Para Moraes (2005, p. 90), o processo analítico, em geral, “[...] vai de categorias específicas, restritas e em grande número, a categorias cada vez mais amplas e em menor número”. Nesta fase, é gerado um meta-texto, ou seja, um novo texto criado com palavras próprias por meio de estudos e análise. Desse modo, é possível afirmar que “os processos de unitarização e categorização encaminham a produção de textos descritivo-interpretativos, correspondendo o processo em seu todo a uma teorização em relação aos fenômenos investigados.” (MORAES, 2005, p. 97).

Quadro 2 – Crônicas de autores da Região Norte

Crônicas da Região Norte do Brasil				
Crônica	Título	Sexo	Cidade/Estado	Região
13	O amanhecer (num dia “inqualquer”)	Feminino	Parintins/AM	Norte
21	Uma questão de segundos	Feminino	Boa vista/RR	Norte
28	O despertar de mais um dia	Masculino	Cacoal/RO	Norte
34	Zé Carlos, soa o apito	Feminino	Rio Branco/AC	Norte

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do material disponível no site.

A seguir, apresentamos de maneira descritiva, o processo de transformação no qual tratamos os dados retirados a partir destas etapas. Optamos por destacar somente a categoria final denominada *instante*, enquanto parte do resultado final do estudo. Por meio desse filtro, categorizamos os materiais - quatro crônicas finalistas da região norte - a partir de nossas ideias acerca da escrita de crônicas e de pressupostos teóricos dos autores que tencionam a temática deste estudo. Elegemos, assim, o modo de constituição *à priori* da categoria, tendo em vista que tal processo de categorização oportuniza o estabelecimento de foco para o processo de análise em curso.

A categoria *instante* abriga as unidades de sentido que descrevem momentos singularizadores do olhar dos estudantes-autores, isto é, o instante a partir do qual se torna impossível seguir vendo o cotidiano de modo costumeiro e acostumado. Essas unidades de sentido representam os momentos, muitas vezes ínfimos, no qual acontece ruptura com o olhar naturalizado que assomava até aquele *instante* a cotidianidade dos autores-cronistas. Nesse sentido, a categoria *instante* foi constituída tendo em vista pressupostos do próprio gênero textual crônica, cuja estrutura põe em tela o momento de ruptura no qual o olhar do estudante-autor passa a perceber de modo peculiar cenas normalizadas do seu cotidiano e, por conseguinte, passa a (re)significar o lugar onde vive.

Logo, por meio do processo das unidades de significado (excertos das quatro crônicas analisadas), temos a impregnação indispensável à operacionalização da metodologia de Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007), tendo em vista que “[...] é um processo exigente e que requer esforço e envolvimento. Além de um retorno constante às informações, também exige uma atenção permanente,” (p. 78), a fim de podermos, por meio

da produção do texto de pesquisa, criar novas relações acerca do fenômeno pesquisado.



Assumindo esses pressupostos analíticos, o processo de categorização final é desenvolvido tendo em vista os objetivos que orientam a pesquisa e o intuito de estabelecer relações sempre mais amplas ao fenômeno analisado.

O *INSTANTE* COMO MOMENTO SINGULAR DE ENCONTRO COM O COTIDIANO

A categoria final *instante* comporta unidades de sentido, ou seja, momentos nos quais o olhar do estudante-autor depara-se com uma cena singular que lhe pede atenção, clamando por sua presença e não permitindo, portanto, que siga olhando o cotidiano com as lentes costumeiras e acostumadas, nas quais impera a indiferença.

Nessa atenção frente ao cotidiano, em que o olhar perscrutador pode ser disparado pelo gesto de uma pessoa, pela mudança de uma paisagem abrigada no já conhecido, ou ainda, pelo estranhamento frente a uma vida que, até aquele instante, não fazia parte do cotidiano da sua cidade (ou talvez estivesse apenas invisível ao olhar acostumado). Portanto, essa categoria é constituída por momentos singulares de encontro dos estudantes-autores com o cotidiano - momentos disparadores para o estabelecimento de novas significações acerca do lugar onde vivem.

Essas novas significações acerca do cotidiano são acolhidas pelo gênero crônica, que “[...] surge na relação com a imprensa, os primeiros autores recebiam como missão escrever um relato dos fatos da semana. Eram os chamados ‘folhetins’.” (SANTOS, 2007, p. 16). Elas traziam, na sua origem, informações e também entretenimento para o público leitor de jornal, pois enquanto relato subjetivo do cotidiano, a crônica apresentava aos leitores do jornal perspectivas singulares de espaços já conhecidos da cidade ou das transformações pelas quais ela vinha passando.

No entanto, para os estudantes-autores das crônicas analisadas nesse artigo, o exercício da subjetividade promoveria o tensionamento em relação a questões sociais, afetivas e ambientais que permeiam o seu cotidiano e não apenas o entretenimento característico das crônicas publicadas nos folhetins. Assumem, portanto, o exercício de uma subjetividade que visa a criticar e a tensionar o seu cotidiano.

Os excertos a seguir representam, justamente, instante no qual o olhar singular do estudante-autor vê além das percepções acostumadas e costumeiras do cotidiano:

CR21 - O cenário da minha cidade começou a mudar. *Percebi* isso quando algo estranho, até anormal, fora no nosso costume, estava acontecendo. Pessoas diferentes, línguas diferentes e atitudes diferentes: os chamados “flanelinhas” não faziam parte da nossa rotina, até um dia eu perceber que isso havia mudado. Meu estado faz fronteira com a Venezuela, e aquele país tem sofrido questões econômicas e sociais. Esse fato é o principal ponto de mudança no nosso cotidiano. (grifo nosso).

CR34 - De repente, meus ouvidos *despertaram* com um barulho, por hora ensurdecedor. Chan, Chan! O apito anuncia mais um dia de serviço na cerâmica. (grifo nosso).

CR29 - Vejo ao longe um senhor que, creio eu, acaba de mudar ao lado de minha casa. E, ele carregava dois vasos grandes: um amarelo e outro azul. - Observo-o atentamente, meus olhos nem piscam, ele vai até uma loja de roupas que fica no final da avenida. Começa, então, a regar as plantas, passo diante dele. Ele nem me percebe, pois seus olhos estão focados na beleza das rosas e no brilho de uma árvore frondosa, não entendo muito bem o que estou vendo... (grifo nosso).

Perceber, observar e despertar são ações constituintes da categoria final *instante*, ou seja, mostram o momento de ruptura com o olhar costumeiro e acostumado com o cotidiano. Podemos inferir que o olhar do estudante-autor sofre uma modificação e passa a ver o que não via, a perceber o que não percebia; modificando, assim, a relação com espaço onde vive e com próprio tempo; na medida em que é preciso suspender o olhar automático e observar os movimentos do cotidiano.

Portanto, a própria relação do estudante-autor com o tempo constitui-se de outro modo, pois essa se torna menos automatizada e mais presente diante do que está acontecendo em seu cotidiano. A relação do tempo com o prática de escrita da crônica é discutida por Arrigucci (1987, p. 51), ao apontar que o gênero “contempla [...] um relato em permanente relação com o tempo, de onde se tira, como memória escrita, sua matéria principal, o que fica do vivido.”. Sobre esse ponto, compartilhamos:

CR21 - “[...] o semáforo parecia ser uma lenta ampulheta, o tempo mais longo que já havia esperado um sinal sair. O

solcontinuava a maltratar; A expressão da mulher era de cansaço. Cria-se uma expectativa após o seu ato de limpeza; receber ou não. (grifo nosso)

No trecho “o semáforo parecia ser uma lenta ampulheta”, está implicada a questão temporal. Uma relação que encharca o tempo com o peso da dor do outro (puro exercício de empatia), cujo olhar do estudante-autor evidencia a indiferença vestida de terno e protegida pela caixa de ferro com rodas, pois que “era um homem bastante apresentável, cabelo baixo, óculos escuros e usava um belo paletó [...]”(CR21).

A escrita da crônica instaura outros tempos para dar relevância às invisibilidades do cotidiano; deslocando da invisibilidade cenas como a banalidade do descaso com o outro, a indiferença frente à precariedade do trabalho informal em um semáforo. Ou seja, o invisível torna-se visível pela escrita de estudantes.

De igual modo, o tempo instaurado pela prática de escrita de crônica, também permite observar o embelezamento da cidade pelo colorido das flores que dão concretude aos gestos de cuidado para com o espaço público e, por conseguinte, com a comunidade.

CR28 - [...] vislumbro as flores vermelhas que preenchem o espaço vazio embelezam ainda mais a paisagem e, por um instante, me sinto entre elas; mas desperto e uma cena real me chama a atenção.

CR28 - Porque o senhor não para com isso e vai descansar?

CR28 - Ele nada me responde. Só me entrega uma pequena semente. Seu olhar penetra o mais íntimo de minha alma e com um suspiro profundo e voz trêmula, mas carregada de experiência me diz?

Nesse exercício constante de (re)significar o cotidiano, a “[...] crônica brasileira tem uma cara própria, leve, bem humorada, amorosa, com o pé na rua [...] ela representa uma espetacular capacidade de (re)inventar e se comunicar com o leitor.” (SANTOS, 2007, p. 15. Tal capacidade é exercitada em excertos que nos convocam ao exercício da empatia:

CR21 - “[...] Já imaginou ficar no sol fazendo algo que para muitos é irrelevante, mas que para ela corresponde a um salário a ser recebido?”

CR34 - “É do fundão que vem com pressa a fumaça devoradora. A chaminé como vulcão jorra lava branca que não se pega, porém se sente. Não queima, mas asfixia disfarçadamente. Num passe de mágica o verde que contorna minha varanda de ripas velhas vai ficando apagado. O céu que cobre o ramal torna-se esfumado. O Zé Carlos fica *desoxigenado!* os passarinhos inquietados, num canto maior, voam apressados.” (grifo nosso)

Todavia, a escrita do gênero, que nasceu nos folhetins, não é tarefa fácil, pois demanda daquele que escreve posicionamento singular acerca dos fatos relatados. Nesse sentido, a categoria *instante* não pode ser tomada apenas como a reunião de excertos que descrevem uma determinada cena do cotidiano dos estudantes-autores; pois, enquanto uma categoria de análise, ela visa a dar voz ao exercício constante de uma subjetividade que se desafia a mobilizar o seu próprio olhar frente ao vivido.

Enquanto os cronistas do século passado assumiam o uso e, por vezes, o “abuso da subjetividade e [da] descontração do texto para criar peças que funcionam como *oásis de respiração e bom gosto o meio das crises e tragédias de um jornal.*” (SANTOS, 2007, p. 16, grifo nosso), os estudantes-autores das crônicas em análise nesse artigo, distanciam-se das temáticas relacionadas à vida burguesa do século XIX, ou seja, não escrevem sobre moda, experiência de assistir espetáculos de ópera e peças de teatro ou ainda sobre as festas da alta sociedade. Tais temas estão ausentes nas quatro crônicas sobre a região norte do Brasil; a temática burguesa é substituída por abordagem mais crítica sobre mazelas e dissonâncias sociais que permeiam o entorno dos autores. Nesse sentido, apenas a estrutura do gênero textual crônica atua como elo entre mundo do cronista do século XIX e dos estudantes-autores.

Rompendo com as temáticas burguesas dos cronistas do passado, os estudantes-autores que participaram da 5ª edição das Olimpíadas de Língua Portuguesa separam-se desse “bom gosto” ao trazer para o primeiro plano cenários diversos daqueles onde são ambientadas as crônicas burguesas. Os textos analisados dão visibilidade a temas relacionados ao mundo do trabalho, ao falar do lugar onde vivem.

CR34 - Só sei que, com a chegada dessa *ganância de tijolos* e mais tijolos, passamos nossos dias assim. Nem o vento dá conta de atuar na ação. Até ele, ela consegue sufocar. Toda a gente segue a sua rotina sob um teto branco poluidor que se forma pela fábrica de tijolos. O jeito é esperar a ‘boca da noite’ chegar. Nela, ouço o apito encerrar mais um dia de fumaça. Meu pulmão ela vem aliviar, pois a fumaça engolidora do ar se vai com a escuridão. (grifo nosso)

A crítica socioambiental aponta a fumaça (engolidora da saúde de uma comunidade), que não vai embora com o vento, pois se tornou palavra escrita e inscrita pelo olhar que, mesmo nublado pela fumaça da fábrica de tijolos, é também nomeada como “*ganância de tijolos*”, insiste em não se acostumar à tamanha violência justificada pelo progresso e pelo trabalho.

Aliás, o trabalho informal de imigrantes venezuelanos nas ruas da cidade de Boa Vista não passou despercebido pelo estudante-autor que em, *Uma questão de segundos*⁶, também observou a indiferença daqueles que já se acostumaram com a desigualdade social e a miséria por ela produzida.

CR21 - *Retirei por uns instantes o olhar daquele trabalho e resolvi observar o motorista. Percebi que ele não estava dando a mínima para o que ela estava fazendo.*

CR21 - *E assim sigo meu caminho refletindo sobre as pessoas, sobre o cenário, sobre a desigualdade social que aflige não só a minha cidade, mas o país. E ao meu lado a minha mãe nem desconfia que esse conflito acontecido em segundos, ocorria em minha mente.*

CR21 - *Ele não esperou ao menos ela terminar de sair, arrancou rapidamente e quase causou um acidente. Percebi naquele momento que o dia a dia daquela humilde mulher não era fácil. Ficar no sol, receber gritos, escutar abusos, quase ser atropelada por motoristas imprudentes não é simples.*

A subjetividade do cronista é, portanto, o que confere ao gênero espaço para o exercício da imaginação, à medida que permite a quem escrever, usar e abusar da escrita em primeira pessoa, estabelecer relações entre o fato narrado e o cuidado com o espaço público, por exemplo:

CR28 - *“Apenas tome o lugar onde você vive cada dia mais florido.”*

CR28 - *“A passos lentos distancio-me dele. Aquela imagem vibra em meu coração e, entre os dedos, trago a semente na mão.”*

⁶ O título da crônica

Diante do *instante*, o gesto de o homem dar ao seu interlocutor uma semente, convida-o a reinventar o espaço público com flores. Chama-o também ser protagonista de cenas de cuidado ainda por vir; mesmo sabendo antecipadamente que para tal gesto “nem mesmo há uma recompensa justa”, pois o cuidado com o espaço coletivo não depende apenas da retribuição financeira ou de reconhecimento social. Pressupõe criar relação afetiva com o espaço público – cenários reais antes de se concretizarem são imaginados.


Nesse sentido, para Vigotsky (2009), a atividade criadora é um processo cognitivo no qual reproduzimos modelos preexistentes e combinamos a eles possibilidades de transformação. Esse processo é constituído em duas dimensões: a reconstituidora-reprodutiva e a combinatória-criadora; enquanto aquela se fundamenta na memória esta se fundamenta na imaginação. Os estudantes escritores são “criadores” de outros modos de viver o cotidiano. Modos que combinam o já vivido com a singularidade de um olhar que busca transformar o cotidiano onde vivem. A subjetividade estabelece relações diretas com a imaginação.

Enquanto as relações afetivas, por sua vez, podem se ancorar na dimensão reconstruidora-reprodutiva, a fim de que pela memória constituam e ressignifiquem as relações entre mãe e filha, por exemplo:

CR13 – O abraço já durava minutos. E com os primeiros raios solares espelhados nas águas barrentas do Amazonas, no toldo do barco que passa singrando o rio, na copa das samaumeiras soberanas na outra margem, nos bandeirões dos currais do Boisbumbás Garantido e Caprichoso, nos telhados das casas da nossa encantada ilha de Parintins, nos cabelos de minha mãe e na minha alma, expulsando o calafrio, disse-lhe:
_ Feliz dia dos Pais, Mamãe!

O frio da manhã dá lugar ao caloroso abraço de mãe para a filha. Uma mãe, como muitas mulheres brasileiras que assume também o papel de pai. Logo, o abraço recebido comporta a força de uma Mãe-Pai, emoldurado pelos signos amazônicos do rio, das samaumeiras, dos bandeirões dos currais dos BoisBumbás Garantido e Caprichoso. Moldura que permite ao leitor se identificar com um instante de delicadeza representado pelo abraço que une mãe e filha.

As composições entre os papéis de mãe com os papéis de pai se estende também para a filha que se sente, por um instante, sendo mãe da sua mãe.



Essas composições de papéis na crônica *Amanhecer (num dia 'inqualquer'*⁷) banha-se de linguagem poética encharcada pelo rio Amazonas, pelos símbolos culturais da sua cidade e apresenta com delicadeza a gratidão pela vida de sua mãe que foi também o seu pai. A subjetividade implicada na escrita confere contornos literários de um abraço que evidencia a memória afetiva dessas duas vidas.

A escrita, nesse caso, não promove apenas o futuro, mas é relevante no presente desses autores. As experiências oportunizadas pelos passeios culturais e convívio com diferentes estudantes do Brasil assumem importância para o tempo presente da vida desses jovens: a importância de poder se relacionar com o outro (colegas participantes do concurso, comissão organizadora do evento e professores), em um tempo de trocas promovidas pela leitura e pela escrita.

Mesmo que tais atividades possam ser compreendidas como investimento no desenvolvimento de práticas de escrita e leitura *apenas* enquanto uma habilidade e a ser ensinada, o que o concurso de textos da Olimpíada também toma para si é promover experiências de encontro com novos lugares e pessoas no presente da vida desses jovens que se “descobrem” autores do seu cotidiano no aqui e no agora.

Ora, é interessante pensar que tal experiência de escrita de crônica não se constitui enquanto uma promessa para o futuro; como por exemplo, a definição de uma profissão como escritor, ou seja, a relação com o tempo investe no hoje dessas vidas; sem, contudo, desconsiderar o por vir. Novamente, o tempo instaura – como na escrita da crônica – um modo de olhar a vida no presente. Novamente, a singularidade do instante.

AS CONCLUSÕES, PALAVRAS (AINDA) PROVISÓRIAS...

Os estudantes-autores estabeleceram com as cenas do cotidiano uma significação que cria condições e possibilidades para a expressão da sua subjetividade, de modo a explicitar que o olhar singular de um jovem cronista pode extrair das cenas do cotidiano reflexões acerca do lugar onde vivem. Tal reflexão, por sua vez, assume muitas possibilidades: a da crítica social, das

⁷A crônica *O amanhecer* (“num dia inqualquer”) ficou entre as cinco crônicas vendedoras da 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa.

relações afetivas entre filha e mãe, da poluição decorrente do progresso ou ainda o cuidado com o espaço público.

t

Assumimos a escrita de crônicas como exercício de um olhar inaugural dos estudantes-autores, a fim de questionar o cotidiano vivido. Enquanto estudantes do último ano do Ensino Fundamental e primeiro ano do Ensino Médio, esses jovens cronistas que têm entre 14 e 15 anos revelam, por meio da escrita de crônicas, potencialidades de imaginar e de criar outras cenas para o seu cotidiano, ou seja, outros futuros por vir.

Na voz dos alunos, o “bom gosto exterior” é substituído pela apreciação do mundo que cerca os autores. Os excertos destacados evidenciam uma experiência mais severa do que as crônicas da vida burguesa. Trata-se do mundo do trabalho: “Já imaginou ficar no sol fazendo algo que para muitos é irrelevante, mas que para ela corresponde a um salário a ser recebido?”; “Chan, Chan! O apito anuncia mais um dia de serviço na cerâmica”; “Pessoas diferentes, línguas diferentes e atitudes diferentes: os chamados “flanelinhas” não faziam parte da nossa rotina, até um dia eu perceber que isso havia mudado. Meu estado faz fronteira com a Venezuela, e aquele país tem sofrido questões econômicas e sociais. Esse fato é o principal ponto de mudança no nosso cotidiano”; “Toda a gente segue a sua rotina sob um teto branco poluidor que se forma pela fábrica de tijolos. O jeito é esperar a ‘boca da noite’ chegar. Nela ouço o apito encerrar mais um dia de fumaça”.

Além de ser o momento de revelação de certa realidade aos olhos do escritor, a categoria *instante* irrompe apontando a vida de quem precisa garantir a própria sobrevivência, complexificada pela presença estrangeira e pela degradação das condições de trabalho. Nesse âmbito, o mundo do trabalho aparece não só como um dado à parte nos três excertos/textos, mas também como constituinte de um temário que interessa aos três autores até aqui lidos, portanto, manifesta-se como uma preocupação comum aos três estados do Norte do Brasil, aqui representados nos textos.

Faz-se necessário retomarmos um ponto levantado no início desse artigo: o reduzido número de crônicas produzidas por estudantes do Norte do Brasil selecionadas entre as melhores e mais representativas da 5ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa. O fato deve-se à formação de professores e alunos? À densidade demográfica? À adesão (ou não) de escolas à Olimpíada de Língua Portuguesa? Respostas imparciais e cuidadosas constituiriam outro trabalho, porém, temos clareza de que essas hipóteses merecem consideração.

Ademais, a participação no concurso de textos da 5ª Olimpíada de Língua Portuguesa constitui-se espaço de exercício de escrita cuja autoria é percebida nas relações singulares que estabeleceram com o cotidiano do lugar onde vivem, valorizando o sentir e o pensar acerca da sua comunidade.

As análises empreendidas pela categoria *instante* trazem ressignificações do cotidiano por meio da subjetividade do estudante-autor. Nesse sentido, por meio de atividade combinatória, somos presenteados pelo gesto de afeto na forma de um abraço de mãe para filha em *O amanhecer (num dia 'inqualquer')*, somos igualmente sensibilizados pelo gesto de cuidado com o espaço público em *O despertar de mais um dia*. Fizemos também encontros com a crítica socioambiental discutida na crônica *Zé Carlos, soa o apito* e, por fim, na crônica *Uma questão de segundos* temos a exata dimensão do duplo abandono que um imigrante sofre ao chegar em nosso país. Em todas essas cenas, é o olhar singular do estudante-autor que, articulando realidade e imaginação, produz novas significações do cotidiano. As quatro crônicas finalistas do norte brasileiro presenteiam-nos com um norte, cuja direção aponta para as potencialidades das práticas de escrita a serem desenvolvidas, permitindo encontros inaugurais com outros cotidianos.

Entendemos que a atividade criadora por meio dos processos de memória e imaginação contribui para que as relações entre a realidade (a cena) e a imaginação (a interpretação) sejam produtoras de crônicas que ressignificam o cotidiano, permitindo que tanto a memória quanto a imaginação atuem de modo a possibilitar a singularidade do olhar e do dizer.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI, Davi. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 5., *Textos finalistas*. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/6138/textos-finalistas2016.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2019.

COLASANTI, Marina. Eu sei mas não devia. In. UNESCO. *O pequeno livro das grandes emoções*. Brasília: UNESCO, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296 p.



MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI; Maria do Carmo, Freitas, José Vicente de. (Org.). *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. Ijuí: Unijuí, p. 86, 90, 97. 2005.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. *Análise textual discursiva*. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2007.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico*. São Paulo: Ática, 2009. p. 11-42.

Recebido em 16/06/2019

Aprovado em 28/08/2019